



SOBRE O(S) COMPÓSITO(S) DE GÊNEROS¹

ON COMPOSITE(S) OF GENRE(S)

Vicente de Lima-Neto², Ana Paula Lima de Carvalho³

RESUMO

Entendemos que textos, como participantes de gêneros, não funcionam no vácuo. No mundo real, como fenômenos que organizam a vida e a sociedade, os gêneros se relacionam de diferentes maneiras. No Brasil (MARCUSCHI, 2000; BONINI, 2011; BEZERRA, 2012, 2017; ARAÚJO, 2006, 2021) e no exterior (BHATIA, 2004; SWALES, 2004; BAZERMAN, 2005) há autores que já se debruçaram sobre a conceituação de diferentes agrupamentos genéricos, a partir de diferentes filiações teóricas. Seguindo essa perspectiva, este trabalho tem como objetivo caracterizar e discutir mais um tipo de agrupamento genérico, que chamamos de composto de gêneros. Amparados nos estudos retóricos de gênero (MILLER, 2009, 2015; BAZERMAN, 2005) e na Linguística Textual (CAVALCANTE *et al.*, 2019), analisamos um exemplário de três tipos de compostos em diferentes mídias – impressa, audiovisual e digital –, em que verificamos como gêneros diferentes se inter-relacionam e se realizam por textos. Os resultados, ainda incipientes, apontam para duas características que diferenciam o que temos chamado de composto de outros agrupamentos genéricos: a atualização de diferentes gêneros num mesmo espaço enunciativo e a inter-relação entre eles, estabelecida por um laço de natureza ora discursivo-pragmática, ora técnica, que sofrerá variações a depender da mídia utilizada, sem que nenhum dos gêneros perca suas peculiaridades.

Palavras-chave: agrupamento genérico; composto de gêneros; análise de gêneros.

ABSTRACT

*We understand that texts, as participants of genres, do not work in a vacuum. In the real world, as phenomena that organize life and society, genres are related in different ways. In Brazil (MARCUSCHI, 2000; BONINI, 2011; BEZERRA, 2012, 2017; ARAÚJO, 2006, 2021) and abroad (BHATIA, 2004; SWALES, 2004; BAZERMAN, 2005) there are authors that have already focused on the conceptualization of different genre grouping, from different theoretical affiliations. Following this perspective, this work aims to characterize and discuss one more type of generic grouping, which we call a composite of genres. Based on rhetorical genre studies (MILLER, 2009, 2015; BAZERMAN, 2005) and Textual Linguistics (CAVALCANTE *et al.*, 2019), we analyzed an example of three types of composites in different media – print, audiovisual and digital –, in which we verify*

how different genres relate each other and are realized themselves by texts. The results, still incipient, point to two characteristics that differentiate what we have called composite from other genre grouping: the updating of different genres in the same enunciative space and the interrelationship between them, established by a discursive–pragmatic link or technical link, which will vary depending on the media used, without any of the genres losing its peculiarities.

Keywords: *genre grouping; composite of genres; genre analysis.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Era comum, durante o reinado de D. Pedro II (1840-1889), um cidadão brasileiro acordar e ler um dos diversos jornais que circulavam no Império, deparando-se com anúncios de escravos fugidios ou que estavam à venda, notícias que se espalhavam pela corte, charges que criticavam o Imperador, editais de licitação para realização de serviços em prédios públicos, artigos escritos sob pseudônimos que defendiam teses polêmicas, entre outros gêneros.

Os *layouts* dos jornais da época não eram muito diferentes dos de atualmente: por questões de economia de espaço e de custos, os textos eram organizados harmoniosamente numa mesma página, impressos e distribuídos de maneira que chegasse aos cidadãos o maior número possível de informações.

Embora a grande massa de brasileiros fosse analfabeta, pode-se dizer que é bastante antiga a experiência com a leitura de textos agrupados, num mesmo espaço de enunciação, cumprindo diferentes propósitos e atendendo a variadas exigências retóricas. Feitas essas considerações, é possível notar que agrupar gêneros não é coisa nova. E é sobre um tipo específico de agrupamento que versa este ensaio: nosso objetivo é caracterizar e discutir o que chamamos de composto de gêneros (MUNIZ-LIMA; CUSTÓDIO FILHO, 2020; CAVALCANTE, 2020; COLARES; CAVALCANTE, 2020).

Filiados teoricamente à Linguística Textual (CAPISTRANO JÚNIOR; LINS; ELIAS, 2017; CAVALCANTE *et al.*, 2019) e suas relações interdisciplinares com os Estudos Retóricos de Gênero (MILLER, 2009, 2015), ambas amparadas numa perspectiva de língua assumida por obras do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2016), justificamos este estudo pelo fato de o fenômeno ser, *a priori*, ainda pouco discutido nos estudos da linguagem e, em sendo melhor explanado, visamos a contribuir com um entendimento das relações entre gêneros que ocorrem no “mundo real do discurso” (BHATIA, 2004, p. 33), uma vez que elas não são puras nem estanques. Gêneros, como fruto das práticas sociais, não funcionam isolados, mas em conjunto, como parte da vida social.

2 DA RELAÇÃO TEXTO, GÊNERO, DISCURSO E MÍDIA(S)

A Linguística Textual assume como critérios de análise os modos de interação, as modalidades argumentativas, a referenciação, as sequências, a coerência e a organização dos tópicos, a heterogeneidade de vozes (ou pontos de vista), as intertextualidades e as práticas discursivas dos gêneros – condição para todos os critérios analíticos mencionados. Para este estudo, focalizaremos os agrupamentos genéricos, assinalando suas imbricações com as condições tecnológicas.

A noção de texto com a qual operamos contempla os mais variados artefatos sociosemióticos, comunicativos e interativos, desde que se apresentem como unidade conclusa de comunicação

e de coerência em contexto (CAVALCANTE *et al.*, 2019). Cumpre notar que essa noção não se contrapõe à de discurso, assumido aqui como as evidências semântico-pragmáticas dos posicionamentos sustentados em determinados campos sociais. Entendemos texto e discurso como conceitos interdependentes, razão pela qual é possível abordar aspectos atinentes a cada um, separadamente, ainda que sem perder de vista as inter-relações.

Para contemplar os gêneros, assumimos uma perspectiva mais hermenêutica, marcada por pressupostos enunciativos da linguagem discutidos por Volóchinov (2018) e Bakhtin (2016) e atrelada aos estudos retóricos de gênero (MILLER, 2009, 2015; BAZERMAN, 2005). Com Volóchinov (2018, p. 218), admitimos que a

realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua.

Assumimos, então, que os enunciados, como entidades concretas, são os elementos a partir dos quais a interação ocorre efetivamente. Isso porque não são dissociados da vida real, sempre complexa, híbrida, maleável, dinâmica, como se observa nas práticas de linguagem. Esses enunciados são estruturados a partir da situação e do meio social: “As camadas mais profundas da sua estrutura são determinadas por ligações sociais mais duradouras e essenciais, das quais o falante participa” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 207). Isso significa que as situações recorrentes é que definirão os padrões de um enunciado, o que Bakhtin (2016), mais tarde, chamou de *gêneros do discurso*. Esses gêneros circulam em *campos da atividade humana*, sendo os falantes os responsáveis por sua circulação.

Essa visão também está resguardada nas tradições retóricas e sociológicas de gênero, que o entendem como uma ação retórica tipificada, baseada numa situação retórica recorrente (MILLER, 2009), por meio da qual os usuários percebem a relativa estabilidade. Gêneros, então, atrelam-se diretamente a manifestações culturais e cognitivas de ação social, questões que precisam ser consideradas nas análises. Gêneros são fenômenos de “reconhecimento psicossocial”, como definiu Bazerman (2005), passando longe, portanto, da limitação aos aspectos materiais.

Nessa perspectiva, todo texto produzido numa situação específica corresponderá a convenções de um ou mais gêneros, ainda que este(s) nem esteja(m) nomeado(s). E, se os gêneros correspondem às respostas a práticas sociodiscursivas e essas práticas mudam, os gêneros também mudam. A necessidade que a sociedade vai tendo de diversificar a comunicação e os modos de interação faz com que se recorra a novas versões de gênero, levando a emergências de alguns e desaparecimento de outros.

Uma questão não discutida pelas tradições de estudos de gêneros aqui mencionadas, a literária e a retórica, é a dos espaços de realização desses textos e gêneros. Conceitos como suporte (MARCUSCHI, 2003; BEZERRA, 2006; TÁVORA, 2008) e, mais tarde, mídia (BONINI, 2011) começaram a ser problematizados e precisam ser chamados ao debate, pelo fato de ainda serem questões não consensuais e que farão diferença na noção de compósito. Tomamos suporte aqui como “elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção)” (BONINI, 2011, p. 688), e de mídia como uma

tecnologia de mediação da interação languageira e, portanto, do gênero como

unidade dessa interação. Cada mídia, como tecnologia de mediação, pode ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem.

Assim, mídias medeiam a interação e os gêneros acabam sendo atualizados nelas. As mídias podem ser constituídas de suportes, sendo estes entendidos como tecnologias de registro e armazenamento. Veremos, portanto, que as noções aqui empregadas envolvem entidades concretas em diferentes níveis: há, no texto, um indício material, que, utilizado em dada situação de interação, resgatará convenções de gêneros (categoria social, cognitiva), mas se atualizará numa mídia. Esta, por sua vez, pode ser constituída por diferentes tecnologias físicas, o suporte, que lhe servirão de registro e armazenamento. Cumpre notar que, “em sentido abrangente, os termos mais importantes e usuais para se caracterizar o processo de interação são gênero e mídia. O termo suporte só é relevante em uma análise mais pormenorizada de uma mídia específica” (BONINI, 2011, p. 689).

Como já dissemos, como frutos da vida em sociedade, dinâmica e maleável, também o são os textos, que se organizam de maneiras diferenciadas e, muitas vezes, agrupados, a depender da situação. Voltamo-nos agora a mostrar como as mídias podem ser uma categoria importante para a análise de certos tipos de agrupamento.

3 DA NOÇÃO DE COMPÓSITO DE GÊNEROS

Uma das maneiras de estudar a forma como as sociedades se organizam é analisar que gêneros são utilizados pelos sujeitos que constituem as comunidades. Muitos autores (DEVITT, 1991, BAZERMAN, 2005; BHATIA, 2004, MARCUSCHI, 2000, BEZERRA, 2017; SWALES, 2004, ARAÚJO, 2021) se debruçaram sobre comunidades específicas e concluíram que, no discurso da vida, gêneros acabam por se vincular de diferentes formas.

Para não assumir o risco da explanação redutora, dada a limitação de espaço, apenas mencionaremos dez tipos diferentes de agrupamentos de gêneros encontrados na literatura, estudados com mais propriedade por outros autores:⁴ *conjunto de gêneros* (DAVITT, 1991); *sistema de gêneros* (BAZERMAN, 2005); *hierarquia de gêneros* (SWALES, 2004); *cadeias de gêneros* (FAIRCLOUGH, 2003; SWALES, 2004); *redes de gêneros* (SWALES, 2004); *repertórios de gêneros* (ORLIKOWSKI E YATES, 1994); *ecologia de gêneros* (SPINUZZI, 2004); *colônia de gêneros* (BHATIA, 2004); *constelação de gêneros* (MARCUSCHI, 2000; BHATIA, 2004; SWALES, 2004; ARAÚJO, 2021) e *famílias de gêneros* (CIAPUSCO, 2009).

Essas perspectivas foram pensadas em diferentes momentos e à luz de diferentes abordagens teóricas, o que faz com que, em alguns casos, tenhamos a impressão de serem os referentes bastante próximos. Muitos desses agrupamentos foram pensados para gêneros que circulam num mesmo campo de atividade humana, excetuando-se as cadeias, as colônias e as constelações. A essas três últimas, soma-se o compósito, um agrupamento menor que traz como traço o relacionamento de gêneros que não precisam respeitar os limites disciplinares.

A proposta de compósito que aqui pleiteamos já vem sendo discutida há certo tempo, como em Muniz-Lima e Custódio Filho (2020) e Cavalcante (2020), que, respaldando-se na concepção de hipergênero de Bonini (2011), citam o termo, mas não o desenvolvem, embora apontem que os gêneros podem ser agrupados num mesmo espaço digital. Já em Colares e Cavalcante (2020), o conceito

⁴ Remetemos o leitor aos trabalhos de Bezerra (2017) e Araújo (2021), que dedicam parte de suas obras a detalhar diferentes tipos de agrupamentos.

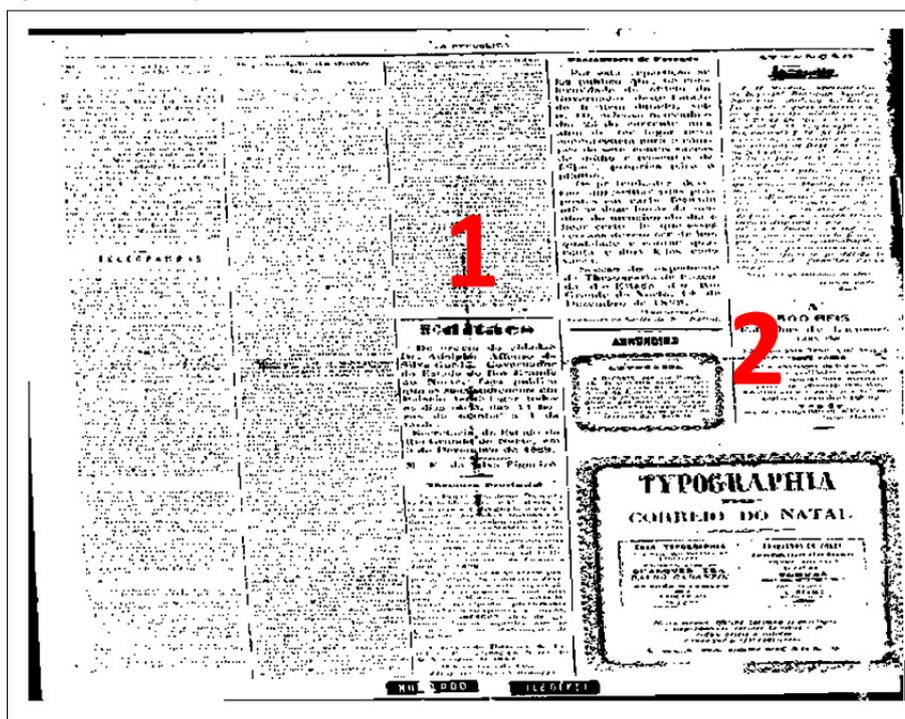
aparece pela primeira vez como “o conjunto de gêneros que dividem o mesmo ambiente digital em uma mesma mídia, com os mesmos suportes” (COLARES; CAVALCANTE, 2020).

A esse respeito, o que assumimos é que esse tipo de agrupamento é muito mais antigo do que o surgimento da internet e, portanto, não se limita a esse espaço. Nessa perspectiva, propomos três espaços de enunciação para sustentar a tese: a impressa, a televisiva e a digital.

3.1 COMPÓSITO DE GÊNEROS NA MÍDIA IMPRESSA

O *Nieuwe Tijdinghen* foi o primeiro periódico impresso do mundo⁵ e, desde então, alguns modelos circularam pelo mundo até chegar ao que temos hoje. Um deles foi o jornal *A República*, do final do século XIX:

Figura 1 – Jornal República, 13 de dezembro de 1889



Fonte: Disponível em: <http://www.bczm.ufrn.br/jornais/A%20REP%20c3%9aBLICA/1889/00002F08.004%20-%20A%20REP%20c3%9aBLICA%20ano1,%20n.22,%2013dez1889,p.4.png>. Acesso em: 27 abr. 2021.

Como se vê, houve poucas mudanças acerca da divisão e diagramação dos textos na página do jornal impresso para o que vemos hoje. Merece atenção o fato de, desde sempre, o jornal congregar, num mesmo espaço físico, diferentes textos participantes de diferentes gêneros. Vejamos apenas dois deles:

⁵ Informação disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Imprensa#:~:text= Foi%20s%C3%B3%20a%20partir%20de,fundado%20na%20Fran%C3%A7a%20em%201665>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Figura 2 – Editais

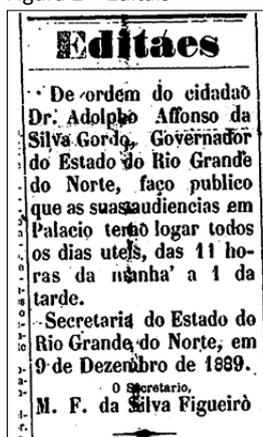


Figura 3 – Anúncios



Fonte: Disponível em: <http://www.bczm.ufrn.br/jornais/A%20REP%c3%9aBLICA/1889/00002F08.004%20-%20A%20REP%c3%9aBLICA%20ano1,%20n.22,%2013dez1889,p.4.png>. Acesso em: 13 mar. 2022.

Além dos telegramas (primeira coluna) e notícias (segunda coluna), mostramos dois gêneros que povoam os jornais até hoje: editais públicos e anúncios em geral (publicitários, institucionais etc.). O edital⁶ aponta apenas um dos atos da administração pública da época, que precisavam ser publicizados em jornais de grande circulação nacional. Neste caso, em virtude do poder de distribuição e circulação e, sobretudo, do acesso a toda a população, o jornal surge como um espaço adequado para suprir essa demanda.

Em seguida, logo na coluna seguinte, há um destaque para os anúncios variados, seja de serviços, como é o caso em tela – serviços de advocacia prestados na capital da República –, seja de produtos, o que também era (e continua sendo) de grande interesse do jornal, uma vez que é a sua mais importante fonte de renda.

Olhar apenas para esses gêneros em tela aponta para os diferentes campos de atividade humana (BAKHTIN, 2016) em que atuam: os editais circulam especialmente no campo da administração pública, como *notas de esclarecimento, editais de concurso, leis, decretos etc.*; enquanto o anúncio publicitário é um gênero que circula (não só, mas também) no campo da publicidade, ao lado de outros, como *spots, vinhetas, jingles, infográficos publicitários etc.*⁷

Como respostas a ações sociais (MILLER, 2009), vemos que esses gêneros cumprem demandas e exigências retóricas diferenciadas, para públicos-alvo diferentes, utilizando-se de recursos semióticos (fontes, negrito, léxico, *layout*) também variados, mas se irmanam pela necessidade de publicização. A mídia jornal é o ponto de intersecção entre esses dois gêneros, *a priori*, tão diferentes, mas que se aproximam nessa questão. Para além da função de registrar os gêneros, o que caracterizaria o jornal como um suporte (MARCUSCHI, 2003; TÁVORA, 2008), é a circulação e distribuição de informações, que, naquela época, era a melhor maneira de alcançar populações mais isoladas.

Bonini (2011) assume o jornal como *hipergênero*, ou seja, um estatuto que é suporte e gênero, constituído por outros gêneros ao mesmo tempo. Fundamentado em Bakhtin, entende-o como “um

⁶ É interessante que ao exemplar que recortamos para a análise provavelmente seria dado um outro nome hoje, uma vez que se trata mais como uma *nota* ou *nota de esclarecimento* do governador. Abaixo deste em questão, entram os editais de licitação, ainda hoje divulgados, agora em sítios da administração pública. Mas a questão de nomenclatura é assunto para outro momento.

⁷ É evidente que, como a vida e as sociedades, os campos de atividade se misturam, se aproximam e se distanciam no dia a dia. Muitas vezes, até se confundem. Não pensemos nessas categorias como elementos estanques e bem organizados.

grande enunciado”, sob o argumento de que o jornal reúne todas as características do enunciado bakhtiniano: a alternância dos sujeitos do discurso, a conclusibilidade e a exauribilidade.

Embora reconheçamos o investimento teórico e epistemológico para definir uma categoria que auxilie na análise de gêneros que participam do jornal, o autor parece entrar em conflito com muitos dos pressupostos assumidos pelo próprio Círculo de Bakhtin: primeiro, pelo uso do prefixo *hiper*, que sugere a existência de um gênero que é superior a outros e carrega um tom valorativo; segundo, a superposição de um gênero a outros (no caso o jornal em relação a todos os outros que o constituem) não condiz com o que o Círculo defendia. Considerar o jornal como gênero implicaria que outros gêneros que o constituem, com o edital e o anúncio, no exemplo que analisamos, perderiam suas características funcionais e passariam a existir somente como parte do jornal, o que não é o caso.

O que há são enunciados, contextualizados, irrepetíveis e que pertencem a determinadas situações que emolduram o discurso da vida. Dizer que o jornal é um enunciado é tornar menores os projetos de discurso do Governo Federal, ao produzir o edital do Governador, por exemplo, ou o do bacharel em Direito, que anunciava os seus serviços à população, como se ambos estivessem em função do intuito do jornal, que é também o de vender exemplares.

Já à luz da perspectiva sociorretórica (MILLER, 2009, 2015), não há como invalidar, no caso dos editais, as exigências retóricas da ação social de ter de publicizar os atos do governo federal, em prol de uma transparência do serviço público, no nascituro de um novo regime governamental. Não é possível, entretanto, afirmar que todos os gêneros que constituem o jornal têm as mesmas exigências retóricas.

O que vemos aqui, na verdade, é o que Bonini (2011, p. 691), de maneira muito feliz, assume: “o gênero, como unidade de interação linguageira, está sempre imerso em uma série de relações contextualizadoras que lhes são constitutivas”.

Feitas essas considerações, o que buscamos fazer aqui é mostrar que aquilo que Bonini chamou de *hipergênero* faz parte, na verdade, de mais um tipo de agrupamento de gêneros, que assumimos como *compósito*. Uma de suas características diz respeito ao aspecto formulaico: reunir gêneros num mesmo espaço físico de atualização, como o que acontece na página de um jornal do século XIX, por exemplo, ou de uma *homepage*. Vejamos, agora, como isso funciona em outra mídia, a audiovisual.

3.2 COMPÓSITO DE GÊNEROS NA MÍDIA TELEVISIVA

A televisão, no início da década de 1950, veio consolidar uma cultura de massas (SANTAELLA, 2003) em franca ascensão. Um dos traços dessa massificação cultural engendradora com a ajuda da televisão está no fato de uma audiência, por demais heterogênea, receber, ao mesmo tempo e de maneira uniforme, uma mesma mensagem, que agora vinha com imagem em movimento e som, diferente de como permitiam as mídias anteriores. Além disso, não havia opção de escolha do conteúdo, a não ser desligar o aparelho ou mudar de canal.

Não é de agora que as produções audiovisuais para a televisão são constituídas de gêneros em agrupamentos: nos jornais televisivos, há notícias, reportagens, vinhetas, previsão do tempo etc.; os programas de auditório, com apresentações artísticas, debates, piadas, esquetes, propagandas etc., são exemplos de produções que ocorrem numa delimitação temporal, fugindo, de certa forma, do que estamos chamando de compósito aqui.⁸ Entretanto, há exemplos como os seguintes:

⁸ Como já fizemos anteriormente uma relação entre hipergênero (BONINI, 2011) e compósito, é justo apontar que o pesquisador, ao tratar da televisão, coloca, ao lado do jornal, outros exemplos de hipergênero nessa mídia audiovisual, como jornais televisivos e programas de auditório. Para nós, esses últimos exemplos não são compósitos, pois a televisão apresenta esses gêneros numa sequência linear, por conta da temporalidade exigida pela mídia e consequente adaptação a ela. Eles não aparecem necessariamente

Figura 4 – Compósito na televisão



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q1BHfg74F7g>. Acesso em: 26 jun. 2021.

O exemplo em tela é um recorte de uma matéria jornalística de abril de 2021, quando os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) julgaram qual seria o destino dos processos do então ex-presidente Lula, uma vez que ficou decidida a incompetência da vara anterior, em Curitiba, na qual o político foi condenado. Diante dessa demanda e do interesse social, exige-se retoricamente que essa informação seja publicizada, o que pode ser feito de diferentes maneiras. A rede de televisão CNN resolveu fazê-la da maneira que se vê na Figura 4, também dividindo a atenção do telespectador para outras combinações semióticas.

Apontam-se quatro textos, apenas a título de ilustração: em 1, há o texto que, pela categoria de saliência (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), é o mais importante – a materialização verbal, acompanhada do vídeo, no centro da imagem, do transcorrer da sessão da decisão do STF, e é a pauta da notícia que está sendo veiculada no momento.⁹ Isso também é feito pelo tamanho da fonte, maior em relação às outras materializações satélites; em 2, temos outro texto, sem relação aparente com a notícia sendo veiculada no momento, e diz respeito à matéria que está circulando na conta oficial da CNN no *Twitter*, cujo título é *Biden anuncia corte de 52% nas emissões dos EUA até 2030*. Em 3, temos a logomarca da empresa, acompanhada da palavra VIVO e a hora, mostrando que a transmissão está ocorrendo em tempo real. Por fim, em 4, mostra-se a logomarca da TV Justiça, que é um canal estatal, do qual CNN coletou as imagens para constituir sua matéria.

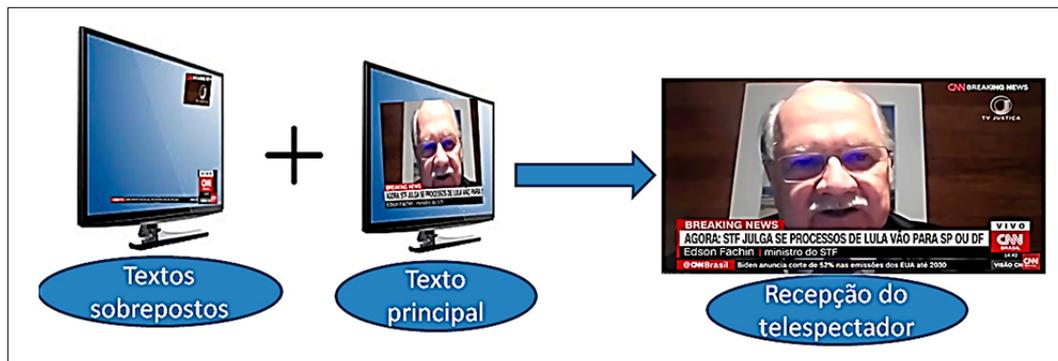
Amparados numa perspectiva enunciativa da língua, parece-nos seguro afirmar que estamos diante de quatro textos diferentes, em diálogo, de alguma forma, por compor o mesmo cenário enunciativo: eles fazem sentido dentro de uma situação comunicativa muito específica, no caso, a transmissão ao vivo por um jornal televisivo. É possível que essa ligação seja dada exatamente por um componente discursivo – o jornalístico, no caso –, embora não necessariamente esses textos participem dos mesmos gêneros nem dos mesmos campos discursivos. Vejamos: se, em 1 e em 2, temos uma materialização do texto que remete às convenções do gênero *manchete* ou *notícia*, tradicionalmente ligados ao universo do discurso jornalístico, isso não acontece necessariamente com os textos 3 e 4, que apontam para convenções esperadas em gêneros publicitários, quando

mente ao mesmo tempo. No compósito, por outro lado, são atualizados gêneros diferentes em um mesmo espaço enunciativo e ao mesmo tempo.

⁹ A bidimensionalidade deste suporte não permite que toda a enunciação seja contemplada. Convidamos o leitor a verificar vídeo no *link* da fonte.

consideradas as *logomarcas* (logo, publicitárias) da CNN e da TV Justiça. Importante considerar o peso que a mídia assume na atualização desses gêneros: parece haver, na organização deste compósito, certa *hierarquia* de importância dos textos que se apresentam para o telespectador. Ele recebe as informações como apresentadas em 4, mas, na verdade, vemos que alguns são mais importantes do que outros: a informação principal – no centro – é a do julgamento do ex-presidente, enquanto as outras são mais marginalizadas, algumas “fixas” na transmissão. É como se houvesse dois níveis informacionais.

Figura 5 – Sobreposições e influência da mídia



Fonte: elaboração própria.

Os textos 2, 3 e 4 são sobrepostos e dizem respeito a gêneros mais promocionais, lembrando o que acontece em algumas colônias de gêneros (BHATIA, 2004), com a diferença de que aqui não há invasão à integridade de outros gêneros, mas uma espécie de sobreposição. Esses textos apresentam poucas mudanças durante a programação do canal, sedimentando a promoção dessas marcas. Já o texto 1 é o principal, pois é o que está sendo noticiado no momento e recebendo toda a atenção dos narradores da notícia.¹⁰ O telespectador recebe todas essas informações ao mesmo tempo, caracterizando aqui o compósito. A mídia, neste caso, também assume fundamental importância, pois são os seus suportes (invisíveis ao telespectador) e seu modo de organização que permitem a atualização dessa maneira, impossível no impresso.

Em suma, na TV, temos também uma mídia dinâmica que busca aproveitar todos os espaços disponíveis na imagem para promover grande quantidade de informação simultaneamente, com textos participando de gêneros diversos, que circulam em campos de atividade humana também diferentes. No caso, vimos gêneros do campo jornalístico e publicitário convivendo harmoniosamente, de maneira quase simbiótica – sem que nenhum deles perca sua identidade. É o que temos chamado de compósito. Como não podemos deixar de mencionar, com a chegada da *internet*, na década de 1990, o potencial enunciativo da linguagem é elevado quase às últimas consequências, instigado por tecnologias digitais, o que favoreceu sobremaneira a ocorrência do fenômeno que estamos discutindo.

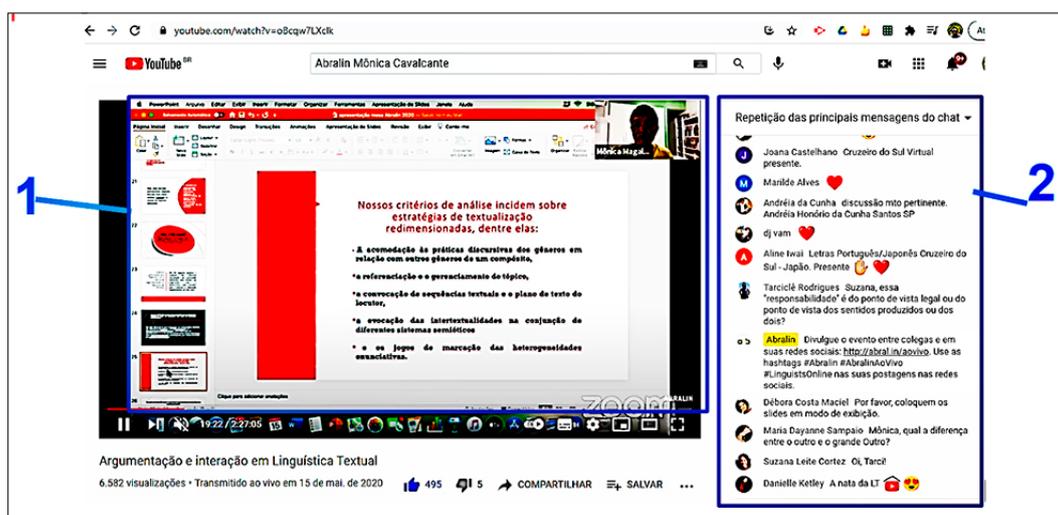
¹⁰ Impossível de ser mostrada na bidimensionalidade deste suporte, mas bom lembrar que há ainda o texto oral dos narradores da notícia.

3.3 COMPÓSITO DE GÊNEROS NUMA MÍDIA DIGITAL

Segundo Santaella (2003), a *cultura digital* é marcada por uma **convergência** de mídias (JENKINS, 2006) em oposição a uma **convivência**, enaltecida até fins dos anos 1980. A convergência é importante porque as mídias (e os suportes) têm permitido que a linguagem alcance instâncias enunciativas até então impossíveis. Basta olhar para a tela de um *smartphone* e se dar conta de que o telefone é apenas mais uma função dentre tantas outras, como calculadora, câmera, agenda, rádio, televisão, computador etc.

Embora seja indubitável que os *affordances* nas mídias digitais têm maiores alcances enunciativos, requer cautela atribuir grande responsabilidade ao ambiente digital, como o caráter inovador de determinadas práticas. Os princípios de organização de muitos textos e a relação entre eles já existiam muito antes da *internet*. Nesse ambiente, é sempre importante analisar com cautela a *archaica* daqueles possíveis gêneros e das possíveis práticas, que, *a priori*, podem ser novas. Talvez seja apenas um gênero antigo com novas roupagens, em novas mídias. Vejamos um caso mais atual:

Figura 8 – Mesa redonda via *live* no Youtube



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oBcqW7LXcIk>. Acesso em: 25 jun. 2021.

Com o anúncio da pandemia de COVID-19, em março de 2020, e a imediata mudança de hábitos, sobretudo em relação aos distanciamentos sociais, uma série de práticas de linguagem, pertencentes a diferentes campos de atividade humana, foi imediatamente adaptada para os meios digitais. No campo artístico, *shows* musicais e peças teatrais; no campo jornalístico, entrevistas e reportagens; no campo educacional, as aulas – gerando até o nome de *ensino remoto emergencial* –; na academia, congressos e *workshops*, constituídos de palestras, mesas redondas, comunicações etc., eventos e gêneros tão díspares, mas todos reunidos sob o mesmo rótulo: *lives*. O exemplo mostra a transmissão da mesa redonda intitulada *Argumentação e interação em Linguística Textual*, no evento Abralin ao Vivo,¹¹ que foi constituída por quatro pesquisadoras da área, sendo uma mediadora e três palestrantes.

Evidentemente, a própria natureza do ambiente já possibilita o aumento exponencial da interatividade, uma vez que os internautas têm o poder de interagir ora com os atores em tela,

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCf75fg3VemQx9A_Z6FfoDRg. Acesso em: 28 abr. 2021.

fazendo perguntas diretamente a eles, por meio de *chats* ou dos *comentários*; ora com a máquina, quando pode curtir, compartilhar ou salvar o vídeo, pausar, avançar, colocar legendas etc.

No que toca aos gêneros propriamente, o que se nota, em 1, é a materialização da *mesa redonda*, constituída multissemioticamente tanto com a imagem dos *slides* mostrados pela pesquisadora quanto por sua própria imagem, no canto superior direito, em tamanho reduzido – *layout* definido pela plataforma, com foco na tela compartilhada pela pesquisadora. É por meio da tela do computador (ou do *smartphone*) que o gênero se atualiza e responde às ações sociais – exposição de uma pesquisa científica e posterior discussão com outros sujeitos pertencentes à comunidade – demandadas pela academia.

Em 2, há uma interação direta da plateia e as pesquisadoras, gerando comentários os mais variados, dentre perguntas, discussões, debates etc., sobre o que está sendo dito. Toda essa interação se dá por meio do *chat educacional*, numa conversa paralela – tanto pragmática quanto literalmente falando, uma vez que o *layout* da plataforma coloca esse espaço ao lado da apresentação –, que tem, entre os propósitos, ensinar e aprender em ambiente digital e promover a autonomia intelectual, como assume Araújo (2021).¹² Grande parte do que ali acontece é perdido pelas palestrantes, uma vez que estão dedicadas à apresentação de seus trabalhos.

É também interessante notar que essas interações no *chat educacional*, que são paralelas, seriam quase irrealizáveis em seu lócus tradicional, um espaço físico que congregaria palestrantes e plateia. Há convenções sociais nessa prática que repudiarão conversas na plateia durante a fala de um dos palestrantes, gerando sanções para os “transgressores”, no mínimo com reações adversas de outros participantes do público ou do próprio expositor, por exemplo. Em virtude da plataforma digital de atualização desses gêneros, no espaço digital, isso não só é instigado como valorizado pela mesma comunidade.

Além desses gêneros trazidos para a análise – a mesa redonda e o *chat educacional* –, rolando a barra para baixo, encontramos o seguinte:

¹² Assumimos que o *chat* é um exemplo de constelação de gêneros, uma vez que há diferentes tipos, cumprindo diferentes propósitos e atendendo a diferentes situações retóricas.

Figura 9 – Compósito de gêneros em ambiente digital

The figure consists of three numbered screenshots from a YouTube channel named 'Abralin'.

- 3:** A screenshot of the channel's 'Participantes' (Participants) and 'Moderadora' (Moderator) list. Below this is a video description in Portuguese discussing linguistic interaction and argumentation. A blue number '3' is overlaid on the right side.
- 4:** A screenshot of a YouTube video player interface showing a list of recommended videos from the channel and other users. A blue number '4' is overlaid on the right side.
- 5:** A screenshot of a YouTube comment section with several user comments and replies. A blue number '5' is overlaid on the right side.

Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oBcqW7LXclK>. Acesso em: 28 abr. 2021.

Na mesma página, encontramos outros textos participantes de outros gêneros: em 3, temos um *resumo acadêmico*, já discutido em muitos trabalhos, como o de Motta-Roth e Hendges (2010), que subsume a proposta da mesa redonda em questão. Esse gênero tem um forte vínculo com a mesa redonda, pois tem como um de seus propósitos chamar a atenção do leitor para assistir ao vídeo na íntegra.

Em 4, os textos que se apresentam são *links* para outros vídeos que fazem parte da bolha-filtrada¹³ de quem capturou a tela – veja-se, por exemplo, *links* para palestras dentro do próprio canal da Abralin (Mário A. Perini, Vera Menezes, Beth Brait), para aulas expositivas (*Tiradentes, a inconfidência mineira e as mulheres*) e até mesmo para a transmissão ao vivo do canal CNN. Os dois últimos, por exemplo, não têm qualquer vínculo aparente com as exposições da Abralin, mas sim com as bolhas nas quais o participante circula. A ordem em que aparecem esses *links* não é, entretanto, aleatória: segue uma lógica matemática algorítmica que reúne as preferências pelas

¹³ No meio digital, as bolhas-filtradas são metáforas para explicar o poder dos algoritmos sobre o internauta: como simulacros da realidade, há uma personalização de conteúdos apresentados com base nas escolhas feitas pelos usuários. Histórico de buscas, tempo empregado em determinados conteúdos, interação em sites de redes sociais, compartilhamento de informações etc. são fontes que alimentam tais algoritmos.

temáticas de quem está navegando pela *internet* e, portanto, variará de usuário para usuário. Assumimos aqui que são *chamadas*, tal qual o que há em jornais impressos, por exemplo, buscando atenção do internauta. São gêneros que pertencem à esfera publicitária, pois são organizados em função de clamar por um clique do usuário da rede.

Em 5, temos os *comentários*, um rótulo partilhado socialmente (talvez por economia linguística, talvez por não ser importante destacar as diferentes ações sociais que daí podem surgir) para diferentes gêneros.¹⁴ Atentemos para um deles, feito à exposição das pesquisadoras, em 5: “*Obrigada, professoras*”, cuja materialidade textual aponta para o ato de agradecer, uma atitude responsiva ativa às palestras, que resguarda características (lexicais, estilísticas e pragmáticas) bastante diferentes do comentário *Eheheh, estes gafe s ao vivo é realmente engraçado* ou ainda do comentário “*Letras Japonês Português Cruzeiro do Sul*”, que, por sua vez, responde à ação social de *apresentação*, como o primeiro comentário, mais longo. A pergunta que devemos fazer é: quais são os gêneros dos comentários?¹⁵

Em suma, no compósito em ambiente digital que apresentamos, o que se vê são, pelo menos, cinco gêneros diferentes – num primeiro plano, o *chat* educacional e a mesa redonda; num segundo, os comentários (constituídos por gêneros diversos), as chamadas e o resumo – funcionando de maneira quase simbiótica, num mesmo espaço de enunciação, o que divide a atenção do leitor. Exceto a chamada para uma aula de História e o canal da CNN, que trazem temáticas diferentes das que estão sendo tratadas neste compósito, todos funcionam em harmonia por meio de algum fio tênue que os irmana, que não é necessariamente uma constituição genética (o que diferenciaria de uma *constelação* de gêneros) (ARAÚJO, 2021), mas carece de mais investigação. Nossa suposição aqui é que o fio que conecta esses elementos é sociotécnico, por conta das bolhas-filtradas e das escolhas dos usuários, que mobilizam o funcionamento dos algoritmos da rede.

Reconhecemos que a análise aqui empreendida não é exaustiva (nem se propõe a isso no momento), em virtude de desconsiderar outros textos (participantes de outros gêneros) que podem integrar esse compósito. Nosso intuito foi apenas mostrar que, no universo digital, temos mais interatividade (humano-humano; humano-máquina) e maiores potencialidades enunciativas, em virtude da mídia que atualiza esses textos num mesmo *locus enunciativo*, aqui, a tela do computador ou de um *smartphone* ligado à *internet*. O sítio, por exemplo, é grande e exige que a barra de rolagem seja ativada para que se consiga mostrar todo o compósito, que, neste caso, pode ser toda esta página.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste espaço, objetivamos caracterizar e discutir mais um tipo de agrupamento genérico, que chamamos de *compósito de gêneros*. Entendemos, por força de uma perspectiva enunciativa de linguagem, que os textos e os gêneros não surgem num vácuo: são artefatos sócio-culturais e comunicativos, com funcionamentos altamente complexos, uma vez que são atrelados à vida em sociedade. Por conta disso, devem ser vistos como “redes complexas de variada espécie” (SWALES,

¹⁴ Autores como Alves Filho e Santos (2013) e Remenche e Rohling (2013) sustentam o estatuto genérico do comentário, posição que consideramos contestável e que merece discussão à parte, pela profunda instabilidade que atravessa essa prática comum na *internet*, mas não oriunda dela. Assumimos aqui que o comentário é um rótulo para diferentes gêneros.

¹⁵ A discussão é exaustiva, pois deve considerar outros elementos, mas, sob esse mesmo raciocínio, remetemos o leitor para os trabalhos de Cavalcante e Oliveira (2019) e Lima-Neto (2020), que apontam para a dificuldade de caracterizar o meme como gênero, embora seja um pressuposto tomado por muitos pesquisadores da área.

2004, p. 12), e não como entidades estanques, cujo discurso dominou hegemonicamente os estudos de gênero no Brasil e no mundo.

Nesta senda, propusemos mostrar exemplos de como algumas dessas relações genéricas acontecem na vida real: o jornal impresso, mídia disponível há mais de quatrocentos anos; a televisão, com pouco menos de um século de vida, e a *internet*, popularizada há menos de três décadas. Apontamos como resultados a existência de um tipo de agrupamento genérico mais específico, que chamamos de compósito, dado num mesmo espaço enunciativo e que, muitas vezes, divide a atenção do leitor, telespectador ou internauta, diante do conjunto de informações que lhe são oferecidas, a depender da maneira como o *layout* é organizado. Eis aqui uma contribuição para a LT, em que se pensa numa proposta analítica de investigação das fronteiras entre textos e entre gêneros em contextos específicos. Conforme defende a LT, à luz de uma abordagem bakhtiniana, não é aceitável pensar em fronteiras ilimitadas: o texto tem princípio, meio e fim, marcado pela alter-nância dos sujeitos falantes.

O compósito, portanto, é um agrupamento de gêneros que se aproximam pelo fato de estarem num mesmo espaço de enunciação, numa relação quase simbiótica dada por um laço de natureza ora discursivo-pragmática, ora técnica, que sofrerá variações a depender da mídia utilizada, sem que nenhum deles perca suas peculiaridades. A ligação entre os gêneros em compósito aparentemente pode ser mais forte ou mais fraca, a depender do caso.

Como evidenciamos, não é um fenômeno recente, resvala um traço da vida em sociedade – com relações híbridas, mescladas, aproximadas ou distanciadas – e parece depender bastante das mídias e suportes onde os gêneros são veiculados, assunto para outro momento, uma vez que, por conta do seu *layout*, possibilitam essas aproximações, resguardando espaços para que todas as exigências retóricas da situação sejam atendidas.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, F.; SANTOS, E. P. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário on-line. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 78-90, abr./ jun. 2013.
- ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- ARAÚJO, J. C. *Constelação de gêneros: a construção de um conceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEZERRA, B. G. Gêneros acadêmicos em cursos de especialização: conjunto ou colônia de gêneros? *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 443-461, 2012.
- BEZERRA, B. G. *Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BHATIA, V. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London: Continuum, 2004.
- BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

- CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. *Linguística textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador Universitário, 2017.
- CAVALCANTE, M. M. Argumentação em gêneros digitais. In: SIMPÓSIO VIRTUAL DE EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR, Parnaíba, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8tk98K3FWvg>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Revista (Con)textos Linguísticos*, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.
- CAVALCANTE, M. M.; OLIVEIRA, R. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 15, n. 1, p. 8-23, jan./abr. 2019.
- CIAPUSCIO, G. Famílias de gêneros e novas formas comunicativas para a ciência. *Calidoscópico*, v. 7, n. 3, p. 243-252, set./dez. 2009.
- COLARES, J.; CAVALCANTE, M. M. Compósito de gêneros. *Encontros Universitários da UFC*, Fortaleza, v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/69823>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: UnB, [1992] 2001.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2006.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London; New York: Longman, [1996] 2006.
- LIMA-NETO, V. *Um estudo da emergência de gêneros no Facebook*. 2014. 313 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- LIMA-NETO, V. Meme é gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, v. 59, n. 3, p. 2246-2277, set./dez. 2020.
- MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLVC*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Mimeo, 2000.
- MILLER, C. Gênero como ação social. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (org.). *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel *et al.* Recife: EDUFPE, [1984] 2009. p. 21-44.
- MILLER, C. Gêneros evoluem? Deveríamos dizer que sim? In: DIONÍSIO, A. P.; CAVALCANTI, L. P. *Gêneros na linguística e na literatura: Charles Bazerman, 10 anos de incentivo à pesquisa no Brasil*. Recife: UFPE: Pipa Comunicação, 2015. p. 23-62.
- MOTTA-ROTH, HENDGES. *Produção de textos na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MUNIZ-LIMA, I.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o conceito de interação. *Revista Investigações*, Recife, v. 33, p. 141-164, 2020.

REMENCHE, M. L. R.; ROHLING, N. O horizonte valorativo em enunciados do gênero comentário on-line: uma escuta dialógica. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 1460-1475, jul./set. 2016.

SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SWALES, J. *Research genres: exploration and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TÁVORA, A. D. F. *Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais*. 2008. 183 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. Lisboa: Edições 70, 1980.

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2018.

Sites

<http://www.bczm.ufrn.br/jornais/A%20REP%c3%9aBLICA/1889/00002F08.004%20-%20A%20REP%c3%9aBLICA%20ano1,%20n.22,%2013dez1889,p.4.png>. Acesso em: 27 abr. 2021.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Imprensa#:~:text=Foi%20s%C3%B3%20a%20partir%20de,fundado%20na%20Fran%C3%A7a%20em%201665>. Acesso em: 22 abr. 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=q1BHfg74F7g>. Acesso em: 26 jun. 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=oBcqW7LXclk>. Acesso em: 25 jun. 2021.